



DAS AMIZADES ENTRE HOMENS GAYS: AS REDES DE HOMOSSOCIALIZAÇÃO EM UMA CIDADE PAULISTA DE PEQUENO PORTE

Renato Cezar Silvério Júnior¹

William Siqueira Peres²

RESUMO: Esta pesquisa consiste em cartografias de histórias e vivências de homens gays em uma pequena cidade do interior paulista, para a problematização e mapeamento das amizades¹ e práticas afetivas/sexuais/amorosas entre homens em uma cidade de pequeno porte, desprovida da impessoalidade e do grande espaço físico das metrópoles, levando em consideração o momento sócio histórico e político (FOUCAULT 1981) presentes nas linhas que tecem essas vidas (DELEUZE, 1989; KAMKHAGI (2005). Assim, para problematizar a respeito da produção de amizades entre homens gays na contemporaneidade, usaremos o referencial teórico dos estudos de gênero e queer. Os resultados preliminares têm apontado para uma tendência com o consumo e a falta de comprometimento, bem como a dificuldade em criar éticas próprias que escapem aos modelos prontos criados pela visibilidade comercial e ideológica dos estereótipos homossexuais.

Palavras Chave: Homossexualidade; Amizade; Gênero; Queer

Em 1981, em entrevista ao jornal Gai Pied, Michel FOUCAULT questionou as relações homossexuais e a legitimidade destas além do mero encontro sexual, algo como uma “virtualidade inquietante”, a formação de alianças que reinventassem os modos de se relacionar, de modo a “escapar às duas fórmulas completamente feitas sobre o puro encontro sexual e sobre a fusão amorosa” (1981:39).

O filósofo observou que a posição marginal a que eram submetidas essas relações poderia ser um fértil terreno para a construção e ressignificação das formas de se relacionar em comparação com os modelos hegemônicos vigentes.

Dessa forma, surgiriam culturas e éticas relacionais, que aproximariam-se muito mais da amizade do que de outras relações ou tentativas já “programadas” e descritas pelo social, cultural e político. Tal estilo de

¹ Mestrando no Programa de Pós Graduação da Unesp Assis

² Docente no Programa de Pós Graduação da Unesp Assis



relacionamento foi chamado por Foucault de amizade, numa ampliação do sentido dessa palavra para além de um mero laço social. De modo clarificador, podemos considerar que:

Amizade é descrita como uma forma de “subjetivação coletiva” e uma forma de vida que permite a criação de espaços intermediários capazes de fomentar tanto necessidades individuais quanto objetivos coletivos (...). Amizade não é um artifício compensatório, um ornamento afetivo ao qual reservamos um lugar espremido e residual entre as obsessões amoroso-sexuais e os deveres cívicos. (...) Falar de amizade, diz Ortega, refraseando Foucault na terminologia de Deleuze, “é falar de multiplicidade, intensidade, experimentação, desterritorialização”. (COSTA 1999: 11-12)

A amizade poderia permitir múltiplos movimentos do desejo, neste tipo de relação a ética pode ser negociada tendo como mediador o desejo de cada um dos envolvidos na relação. Embora as práticas sexuais possam ficar excluídas deste circuito, já que “amigo não trepa com amigo” em uma concepção normativa da amizade.

Talvez estivesse aí um dos aspectos inovadores das relações entre pessoas do mesmo sexo, elas poderiam configurar novas formas de estar com o outro, momentos de ruptura com o instituído, reinvenção e criação de formas de estabelecer afetações entre os corpos diferentes dos vigentes, caracterizando uma homossexualização.

Marina CASTAÑEDA, anos depois (2007:316), escreve que homossexuais acabam por ter a “capacidade de viver e de pensar em vários universos ao mesmo tempo. Ela (a homossexualidade) está igualmente na própria base da criatividade”, destacando como a inicial posição de marginalidade imposta a um homossexual pode lhe dar ferramentas críticas para analisar as forças sociais que demarcam os universos e espaços dos sujeitos bem como seu caráter arbitrário.

Em relação à amizade a autora ainda diz:

A liberdade de explorar modalidades diferentes de relação, sem as imposições da heterossexualidade, pode dar lugar a uma grande confusão. Em particular, os limites entre sexo,



amor e amizade não são nem um pouco claros no mundo homossexual – o que permite uma grande criatividade, mas também muitos desentendimentos [...] Nesse contexto de pós-liberação gay, a relação erótica tem um sentido muito diferente daquele que existe entre os homens e mulheres. Não é necessariamente um sinal de amor, nem de intimidade, nem de engajamento. A relação sexual pode ser um modo de se conhecer, de aprofundar uma amizade, ou de passar um bom momento entre amigos. Ela tem um sentido lúdico e uma dimensão de camaradagem que não tem paralelo nas relações heterossexuais. (CASTAÑEDA, 2007: 198-199)

Sendo assim, a homossexualização poderá estabelecer modos de vida que extrapolem a heteronormatividade compulsória (RICH 1981), potencializando a vida e permitindo ao desejo movimentos intensos e expressões múltiplas.

O conceito de “heterossexualidade compulsória” foi criado por Adrienne RICH em 1981 e consiste numa rede de discursos verbais e não verbais que imprime nos corpos rígidas características de gênero, considerando apenas a heterossexualidade como modelo possível e desejável de relação, relegando à marginalidade outras expressões de afetos não heterossexuais. Neste contexto a heterossexualidade passa a ser encarada como padrão de normalidade e destino fixo e comum a todos os seres humanos. Neste sentido, Livia Gonçalves de TOLEDO afirma que:

A heterossexualidade, assim como a masculinidade, constitui a base do pensamento ocidental moderno sobre sexualidade e os gêneros, é a partir deste pensamento que Adrienne Rich ([1980] 1986) cria o conceito de “heterossexualidade compulsória” propondo “a heterossexualidade como uma instituição que pressiona, força e obriga, de forma violenta ou subliminar, todas as pessoas a tornarem-se heterossexuais (...) é um sistema que acomoda e hierarquiza as relações, onde o homem se torna sempre a referência”. (Toledo, 2008:14).

De modo complementar a teórica feminista Gayle RUBIN (1980), ao observar como as relações entre seres humanos no ocidente podem ser hierarquizadas tendo como expressão desejável e superior a heterossexualidade, criou uma “pirâmide erótica” para sugerir como cada tipo



de relacionamento goza de certos prestígios e aprovações conforme o local que ocupa na pirâmide. Quanto mais próximo ao topo, mais aprovação social e acesso aos privilégios e convenções culturais, sociais e políticas.

De acordo com RUBIN (1980) o topo da pirâmide erótica seria ocupado por casais heterossexuais casados e reprodutivos, de preferência com filhos, seguidos por heterossexuais monogâmicos não casados, Os casais estáveis de lésbicas e de gays estariam no limite da respeitabilidade, logo abaixo viriam homossexuais com relações não monogâmicas, não estáveis ou alinhadas com o modelo heterossexual, um pouco acima das castas sexuais mais desvalorizadas, que incluem, geralmente, transexuais, travestis, fetichistas, sadomasoquistas, trabalhadores do sexo, modelos da indústria pornográfica, sendo a mais baixa de todas as castas formada por aqueles que transgridem as fronteiras geracionais. Segundo Luiz MELLO (2006): “Quanto mais o grupo a que pertence um indivíduo está situado no topo da pirâmide, maiores as recompensas em termos de reconhecimento de saúde mental, respeitabilidade, legalidade, mobilidade física e social, apoio institucional e benefícios materiais”.

Assim, a heterossexualidade compulsória seria uma das principais organizadoras dessa pirâmide em identidades fixas, sendo retroalimentada e justificada pela própria cultura que compõe a pirâmide erótica. Tal hierarquia entre os sujeitos seria responsável por conferir ou não o caráter transgressor atribuído às amizades entre homens, que como qualquer sujeito, estão expostos à heterossexualidade compulsória.

Um exemplo disso seria a rede de discursos que criamos entre os corpos desde o seu nascimento, como nos exemplifica Guacira Lopes LOURO:

A declaração “É uma menina!” ou “É um menino!” também começa uma espécie de “viagem”, ou melhor, instala um processo que, supostamente, deve seguir um determinado rumo ou direção. A afirmativa, mais do que uma descrição, pode ser compreendida como uma definição ou decisão sobre um corpo. Judith Butler (1993) argumenta que essa asserção desencadeia todo um processo de “fazer” desse um corpo feminino ou masculino. Um processo que é baseado em características físicas que são vistas como diferenças às quais se atribui significados culturais. Afirma-se e reitera-se uma sequência de muitos modos já consagrada, a sequencia sexo-



gênero-sexualidade. O ato de nomear o corpo acontece no interior da lógica que supõe o sexo como um “dado” anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário. Tal lógica implica que esse “dado” sexo vai determinar o gênero e induzir a uma única forma de desejo. Supostamente, não há outra possibilidade senão seguir a ordem prevista. A afirmação “é um menino” ou “é uma menina” inaugura um processo de masculinização ou de feminização com o qual o sujeito se compromete. (Louro, 2004: 15)

Fugir à padronização vigente de masculinização ou feminização é uma questão crucial para qualquer pessoa, pois quando os sujeitos não se comprometem com o destino esperado para suas sexualidades eles deparam-se com as dissidências, podendo tornar-se abjeções, e tais posições podem conferir tanto vida potente quanto cristalização da existência.

Em um primeiro momento os homossexuais podem ser relegados à marginalidade quando não desempenham esse processo de acordo com o que foi pensado inicialmente. O que pretendemos pensar com nossos participantes foi como gerir e produzir as relações e as afetações fora desta padronização.

As relações homossexuais não contam com aprovações ou pressões da ordem social ou econômica para se manterem, esta posição de dissidências podem colocar os indivíduos em situações criativas, escapando às relações protocolares disponíveis, tal como propôs Foucault em sua análise da amizade conferidas por Francisco ORTEGA:

A discussão foucaultiana da amizade ocorre no contexto da análise de novas formas de vida homossexual, pois “a homossexualidade oferece a ocasião histórica de reabrir as possibilidades existentes de relações e sentimentos, o qual não acontece como consequência das qualidades ‘verdadeiras’ dos homossexuais, mas porque esta se encontra numa posição transversal, permitindo a inscrição de diagonais no tecido social, que permitam o aparecimento dessas



possibilidades” Ela é para o pensador francês, um convite, um apelo à experimentação de novos estilos de vida e comunidade. Reabilitá-la representa introduzir movimento e fantasia nas rígidas relações sociais, estabelecer uma tentativa de pensar e repensar as formas de relacionamentos existentes em nossa sociedade, as quais, como observa Foucault, são extremamente limitadas e simplificadas. Isto, como vou mostrar, tem uma enorme importância política, pois oferece uma alternativa à analítica do poder foucaultiana.(Ortega, 1999:161-26).

Esta posição transversal das homossexualidades no tecido social, nos tempos atuais, é justamente um dos objetos de investigação em nossa pesquisa. É certo que na época de Foucault (até fins dos anos 1980), as homossexualidades ainda não havia ganhado a relativa visibilidade social que lhe é conferida por uma parcela da sociedade nos dias de hoje, o que traz novas considerações às nossas reflexões já que um único modelo de prática homossexual não garante que novas potencialidades vão surgir.

A própria posição transversal pode acabar por instalar nos sujeitos a necessidade da criação de novas formas de se relacionar, e muitos conseguiram desenvolver formas de resistência bem interessantes para a época, como comunidades e bairros gays que surgem em grandes metrópoles mundiais como Castro em São Francisco, Chueca em Madri, Marais em Paris, a região da Rua Farme de Amoedo em Ipanema ou da Rua Frei Caneca em São Paulo.

Porém, a obra de Michel FOUCAULT (1996), em especial seu trabalho: “A ordem do discurso”, aula inaugural proferida no Collège de France no fim de 1970, também é marcada por uma preocupação na busca de conhecimentos sobre os discursos que moldam nossa subjetividade e nossas relações sociais, culturais e políticas, bem como com a formação e constituição dos sujeitos nos contextos históricos que estão inseridos. Sendo que o que foi transgressor e marginal em uma época, pode ser reapropriado e ressignificado para cristalizações tornando-se “lugar comum”.

Principalmente em seus trabalhos sobre sexualidades, torna-se importante para este filósofo pensar os discursos científicos, religiosos, institucionais, culturais e sociais a respeito do que fazemos com nosso sexo,



quais as possibilidades que estão em aberto e quais foram interditadas para assim termos uma visão um pouco menos equivocada da gestão de corpos e prazeres e outras características humanas pelos dispositivos.

Uma linha que identificamos nos tempos que correm é a cultura narcisista, hedonista e mercadológica que perpassa nossas formas de estar no mundo, modulando nossas relações através do capital e do culto a si mesmo.

Em nosso trabalho procuramos levar em consideração o momento histórico em que atravessamos, aqui chamado de transcontemporaneidade (BRAIDOTTI, 2009), quando “as transformações profundas do sistema de produção econômica estão alterando também as estruturas sociais e econômicas tradicionais” tais como o estado, a família e os gêneros. Rose BRAIDOTTI (2009) explica que nos tempos que correm as imagens, ideias, culturas, modismos, descobertas científicas, enfim, tudo aquilo que dá colorido à nossa subjetividade transitam e rearranjam-se de forma rápida e fulgaz, permitindo que os acontecimentos coexistam e coabitem os contextos de forma descontínua e não positivista. Tais emergências de novas formas de subjetivação podem abrir espaço para a positivação das diferenças, assim Rose BRAIDOTTI explica sobre a transcontemporaneidade:

Indica uma transferência intertextual que atravessa fronteiras, transversalmente, em um sentido de um salto desde um código, um campo ou de um eixo para o outro, não meramente de modo quantitativo de multiplicidades plurais, mas sim em um sentido qualitativo de multiplicidades complexas. Não se trata apenas de tecer fios diferentes, as variações sobre um mesmo tema (textual ou musical), mas também e mais precisamente de interpretar a positividade da diferença como um tema específico em si mesmo. (BRAIDOTTI, 2009: 20)

Rose BRAIDOTTI (2009) nos fala de como esses acontecimentos que coexistem podem trazer reverberações e polissemias das mais variadas formas, produzindo descontinuidades e modos de existir que se contrapõem à paradigmas positivistas.

Da mesma forma que a transcontemporaneidade abre espaço para novas possibilidades, diversos autores identificaram estas culturas atuais como grande produtora de subjetividades padrões e engessadas: “as culturas do



narcisismo e do espetáculo construíram um modelo de subjetividade em que se silenciam as possibilidades de reinvenção do sujeito e do mundo” (BIRMAN 2000:85).

Neste mundo os laços tenderiam a ser frágeis, fugazes e velozes, as relações descartáveis e o outro seria apenas um objeto entre tantos outros, configurando um aspecto narcisista à relação, que estaria esvaziada de ética e comprometimento, ou pelo menos, comporiam outras éticas e implicações.

É neste momento que precisamos tomar cuidado para refletir o que está sendo produzido, pois a força do capital globalizado (GUATTARI 1986 nos fala de CMI – capitalismo mundial integrado) pode apropriar-se das abjeções e da criatividade humana produzindo padrões com ares de liberdade, mas que nada tem de crítico, reflexivo ou de comprometimento com a vida em uma perspectiva de valor maior, potente e coletiva.

Como tentativa de privilegiar a vida de modo ampliado, problematizar as relações de amizade na transcontemporaneidade pode nos fornecer ferramentas úteis para que as análises do cotidiano também sejam ampliadas, e, neste sentido,

Foucault quer recuperar o poder subversivo da amizade. Apenas dessa forma, pensa ele, conseguiremos descolar o sujeito de suas atuais identidades, congeladas nas categorias do público e do privado. Mas por que essa amizade, feita da revisão crítica da *philia* grega, da *amicitia* romana e da *ágape* cristã, seria a resposta ética à lassidão da cultura burguesa, anestesiada pelo frenesi do mercado e do consumo? (...) Nessa rotina de “prazer”, o cuidado de si se tornou indiferença ao outro e o uso dos prazeres, punição de corpos massacrados em nome do mercado das sensações e da alienação ao mundo. (COSTA 1999: 12-20)

Jurandir Freire COSTA ao problematizar a dimensão do cuidado de si se orienta por Michel FOUCAULT (2003c) que nos chama atenção para a necessidade de pensarmos nosso lugar frente a tantos discursos que nos perpassam. O autor clarifica que há uma cultura de si a ser explorada, e neste sentido, nos esclarece que construir uma cultura do cuidar é um resgate de homens e das mulheres como sujeitos éticos, construindo-se através de múltiplos encontros que podem envolver



estudos, meditações, aprendizagens, etc. para que os sujeitos possam ressignificar os locais no mundo e as relações que estabelece com o mesmo.

Para este trabalho surgem problematizações relacionadas que podem ser tomadas como fontes inspiradoras: Como relacionar-se em uma cultura cuja busca pela estética normativa se reduz ao padrão de consumo e como são inseridas nas relações de amizade de modo geral e em específico entre os homossexuais? Teriam essas homossociabilidades, atualmente, características próprias ou são meras capturas do sistema do narcisismo e do individualismo burguês heterocentrado e falocêntrico?

Com essas questões em mente pretende-se problematizar o desejo homossexual inserido no contexto social de uma cidade de pequeno porte, com uma população de 35 mil habitantes. Ou seja, pensar os discursos sociais que ali são produzidos e vivenciados na produção das relações das amizades entre homossexuais masculinos.

Para descrever a composição do social pensaremos sobre as linhas de subjetivação que atravessam os desejos do sujeito em situação de amizade, as implicações consigo mesmo, com os outros e com o mundo, sendo a subjetividade matéria fundamental de produção e reprodução do social (PERES 2005a).

As linhas de subjetivação tecem modos existenciais e produzem posições de sujeitos, e, para nortear esta ideia, apropriamo-nos dos estudos de Vida KAMKHAGI (2005) a respeito dos processos de subjetivação que se efetivam através da composição de lineamentos.

Inicialmente KAMKHAGI (2005) nos chama a atenção para a existência de uma linha de segmentaridade dura, sedentária ou de corte (DELEUZE & PARNET 1998), que estaria associada a um plano molar, encontrada no funcionamento de instituições tais como a igreja, a escola e o exército, mas também na família, na mídia e relações interpessoais. Estas seriam regidas por um sistema binário e universal gerador de leis, contratos e instituições disciplinares que controlam e regulam os corpos e seus prazeres.



Os efeitos consequências da tecelagem das linhas duras resultariam na produção de identidades fixas e acabadas, muitas das vezes narcisistas e consumidoras, com a definição dos papéis sociais, sexuais e de gêneros fechados em si mesmos e restritos as expressões rígidas que na maioria das vezes fazem com que as pessoas se tornem viciados em identidades e desejosos de “norma”. São efeitos consequências dos chamados processos de normatização que se associam a produção de indivíduos em série, cada vez mais cristalizados pelas ações de saberes e poderes que os disciplinam, regulam e controlam.

Concomitante aos lineamentos duros, Vida KAMKHAGI (2005) nos alerta para as linhas de segmentaridade flexível ou migrantes (DELEUZE & PARNET 1998), associada a um plano molecular que permite as linhas se quebrarem, se contorcerem, se curvarem e se conectarem de modos diferentes. Essa perspectiva da linha flexível coloca em questão a ideia de unidade que permeia as relações contemporâneas, questionando a ideia de verdade absoluta ou de existência de universais. Permite maior flexibilidade nas relações estabelecidas entre as pessoas, com o mundo e consigo mesmas, mostrando que não somos pessoas com um eixo único de organização, mas que somos sempre atravessados e constituídos pelas linhas, abrindo possibilidades para uma leitura ampliada sobre o corpo e suas vicissitudes dentro de seus contextos correlatos.

O ser humano nessa perspectiva será visto como uma multiplicidade, sempre heterogênea e coletiva que se constitui de acordo com os encontros que lhe permite afetar e ser afetado pelas forças constituintes de sua enunciação.

Entre essas linhas também encontraremos as linhas de fuga ou nômades, que de modo algum seriam o mesmo que migrantes, pois o migrante ora se alia ao nômade e ora se alia ao “mercenário” (linhas duras) oscilando entre esses fluxos, (DELEUZE & PARNET 1996:159). Para Vida KAMKHAGI (2005), essas linhas de fuga seriam as responsáveis pela criação de rupturas com o imediatamente dado para compor movimentos de potência e criação que se aproximariam daquilo que Gilles DELEUZE e Clarie PARNET (1998) nos



advertem como sendo a possibilidade de fazer da vida uma obra de arte. Porém, os autores nos chamam a atenção para os perigos da linha de fuga, pois, ao mesmo tempo em que podem produzir vida potente, podem produzir também sua dissolução.

Para DELEUZE & PARNET 1998 toda organização social se define por suas linhas de fuga, assim:

Nós dizemos, antes, que, em uma sociedade, tudo foge, e que uma sociedade se define por suas linhas de fuga que afetam massas de toda natureza (mais uma vez, 'massa' é uma noção molecular). Uma sociedade, mas também um agenciamento coletivo, se definem, antes de tudo, por suas pontas de desterritorialização, seus fluxos de desterritorialização. (DELEUZE & PARNET, 1998: 158)

Os perigos das linhas de fuga estariam justamente em sua possibilidade de destruir e nada construir: “virar linhas de abolição, de destruição dos outros e de si mesma” (DELEUZE E PARNET 1998:162).

E ainda, como escreveu Dante PALMA (2007:77): “Não há uma linha de fuga a espera dos que escapam, mas sim são os que escapam que as constroem”.

Já as linhas flexíveis, aquelas que promovem rupturas no instituído ao mesmo tempo em que tem seus aspectos reteriorizados, correm o risco de gerar micro fascismos ao padronizar, nomear, hierarquizar e definir sua própria ruptura. Ao flexibilizar uma linha dura, nos adverte Gilles DELEUZE & Clarie PARNET (1998: 161): “Deixou-se o campo de segmentaridade dura, mas se entrou em um regime não menos regulado, onde cada um se afunda em seu buraco negro e torna-se perigoso nesse buraco, dispondo de um seguro sobre o seu caso, seu papel e sua missão” Em outras palavras: as linhas de segmentaridade flexíveis podem criar ideologias.

Os perigos das segmentaridades duras são os mais evidentes, pois dizem respeito a nossa relação com conceitos binários e regulatórios e seus cortes em nossos corpos e prazeres, porém, a esse respeito, nos dizem Gilles DELEUZE & Clarie PARNET (1998: 160):



Mas os segmentos que nos atravessam e pelos quais passamos, de toda maneira, são marcados por uma rigidez que nos assegura, fazendo de nós, ao mesmo tempo, as criaturas mais medrosas, mais impiedosas também, mais amargas. O perigo está tanto em toda parte, e é tão evidente, que seria preciso, antes se perguntar até que ponto temos, apesar de tudo, necessidade de tal segmentaridade. Mesmo se tivéssemos o poder de fazê-la explodir, poderíamos conseguir isso sem nos destruir, de tanto que ela faz parte das condições de vida, inclusive de nosso organismo e de nossa própria razão? A prudência com a qual devemos manejar essa linha, as precauções a serem tomadas para amolecê-la, suspendê-la, desviá-la, miná-la, testemunham um longo trabalho que não se faz apenas contra o Estado e os poderes, mas diretamente sobre si.

Assim, pretendemos acompanhar os desejos homossexuais e a produção das amizades, que oscilam entre essas linhas, e problematizar como as relações homoeróticas vêm se arranjando na cultura transcontemporânea frente a possibilidade da amizade numa perspectiva foucaultiana.

O projeto foucaultiano de amizades parece constituir-se em rupturas nas linhas duras, mas, frente a tantos perigos, quais os micro fascismos e as dissoluções de vida potente que esperam aqueles em vias de abolição?

Os resultados preliminares de nossa pesquisa apontam para uma tendência mercadológica atravessando e subjetivando fortemente as relações homossexuais de nossos participantes, movimento esse muito atrelado à captura das relações homoeróticas pelos dispositivos de poder conforme essas ganham mais visibilidade e mais caráter heterossexista.

Embora a posição dissidente de nossos entrevistados muitas vezes possam fazer com que tenham situações emancipatórias ou de resistência, como por exemplo quando utilizam seu humor para denunciar as arbitrariedades que permeiam as subjetivações sociais a mesma abstração que lhes conferem aspectos de agenciamento perante os dispositivos também lhes limitam e roubam grande parte de seus esforços, ao fazê-los gastar o que não tem e entrar em relações pobres de ética e comprometimento.

A importância de estar bem vestido ou ocupar os locais da moda transformam, principalmente os mais jovens, em viciados em identidades socialmente construídas pelo capital, fazendo com que o estereótipo do gay



bem vestido, educado, autêntico e economicamente estável perturbe seus projetos de relacionamentos e mine a maioria das trocas mais significativas.

A reedição do conceito de “amor cortês”, aquele que confere plenitude e sentido a vida somente a dois, também é fonte de projetos frustrados e perturbações de cunho narcisista, fato este que não é observado somente em casais homossexuais (LINS, 2012) e evidencia a dificuldade de nossos entrevistados em conseguir criar uma ética em suas relações que leve em conta não só seus desejos, mas o do outro também.

Neste sentido, nossas análises têm deixado algumas questões em aberto: Onde estão as relações de amizade pautadas por uma estilística da existência? Estariam as amizades com os dias contados na transcontemporaneidade?

REFERÊNCIAS

- BRAIDOTTI, Rosi. **Transposiciones: sobre la ética nômade**. Barcelona, Gedisa Editorial, 2009
- BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CASTAÑEDA, Marina. **A Experiência Homossexual: Explicações e Conselhos para os Homossexuais, suas famílias e seus terapeutas**. São Paulo: A Girafa Editora, 2007. Trad. Brigitte Monique Hervot e Fernando Silva Teixeira Filho.
- COSTA, Jurandir Freire. Prefácio a título de diálogo. IN ORTEGA, Francisco. **Amizade e Estética da Existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- DELEUZE, Gilles & PARNET, Clarie. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998
- FOUCAULT, Michel. **Da amizade como modo de vida**. Entrevista à Ceccaty, Danet e Bitoux, publicada no jornal Gai Pied, nº25. p. 38-39. abril de 1981. Trad. Wanderson Flor do Nascimento.
- _____ **A Ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.



_____ **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 10ª edição, Rio de Janeiro: Graal, 2003c.

GUATTARI, Felix. . **Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo.** Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Brasiliense, 1986

KAMKHAGI, Vida. **El Esquizoanálisis y sus líneas.** – In: Cueto, A M. del (Org) – Diagramas de Psicodrama y grupos. Buenos Aires. Ediciones Madres de Plaza de Mayo, 2005.

LOURO, Guacira Lopes Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e Teoria Queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

MELLO, Luiz. **Familismo (anti)homossexual e regulação da cidadania no Brasil.** Estudos feministas. Florianópolis, 2006.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e Estética da Existência em Foucault.** Rio de Janeiro: Graal, 1999.

PALMA, Dante Augusto. Política e Identidad de Las Minorias. In: Abraham, Tomas e El Seminario de Los Jueves. (org). **La Maquina Deleuze.** Buenos Aires: Editorial Sudamericana, março 2006.

PERES, William Siqueira. **Subjetividade das Travestis Brasileiras: da vulnerabilidade dos estigmas à construção da cidadania.** Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, IMS/UERJ, 2005^a

. RICH, Adrienne. Heterosexualidad obligatoria y existencia lesbiana, 1980. In: _____. **Sangre, pan y poesía: prosa escogida: 1979-1985.** Icaria: Barcelona, 1986. p. 41-86

TOLEDO, Livia Gonçalves. **Estigmas e Estereótipos sobre as lesbianidades e suas influências nas narrativas de histórias de vida de lésbicas residentes em uma cidade do interior paulista.** Dissertação de mestrado em psicologia apresentada à Universidade Estadual Paulista. Assis, 2008.